

O PRIMADO NA FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

GUSTAVO AUGUSTO DA SILVA FERREIRA*

Resumo: A relação entre os dois pontos principais da filosofia de Schopenhauer mostra-se como insolúvel em inúmeros momentos de sua obra. Referimo-nos a *filosofia da natureza* e a *ética*. Estes são, para nós, o que denominamos como os momentos centrais do *primado* (filosofia da natureza) e *primazia* (ética) da filosofia schopenhauriana. A mesma (filosofia da natureza/primado) representa não somente o prólogo, mas, também, tem função propedêutica à ética, quer dizer, o que denominados aqui como primazia. Apresentaremos aqui tal divisão feita por nós na filosofia de Schopenhauer e daremos maior significação à *filosofia da natureza*, pois na nossa concepção, a própria ética não somente se ancora neste ponto, como também todo o sistema schopenhauriano se pauta nele, sendo tal *primado* não somente de gigantesca importância para a compreensão da ética, mas também de fundamental relevância para a subsistência da totalidade do sistema schopenhauriano.

Palavras-chave: Primado; Filosofia da Natureza; Primazia; Ética; Schopenhauer.

Resumen: La relación entre los dos puntos principales de la filosofía de Schopenhauer muestra como insoluble en muchos momentos de su obra. Nos referimos a la filosofía natural y la ética. Estos son, para nosotros, lo que llamamos como el núcleo de las veces primacía (filosofía de la naturaleza) y la primacía (ética) de la filosofía schopenhauriana. Lo mismo (filosofía de la naturaleza / regla) no sólo es el prólogo, pero también tiene estudio diagnóstico de acuerdo con la ética, es decir, lo que hemos llamado aquí como primacía. Aquí presentamos tal división hecha por nosotros en la filosofía de Schopenhauer y damos mayor importancia a la filosofía de la naturaleza, porque en nuestra opinión, los mismos ética no sólo se ancla en este punto, al igual que todos los sistemas de Schopenhauer es guiado en ella, siendo una norma de este tipo no sólo de enorme importancia para la comprensión de la ética sino también de fundamental importancia para la supervivencia de todo el sistema de Schopenhauer.

Palabras-clave: Primacy; Filosofía de la Naturaleza; Primacía; Ética; Schopenhauer.

* Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Graduado em Teologia pela Faculdade Kurius (FAK); Mestrando em filosofia no programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: professorgustavoferreira@hotmail.com.br

Introdução

Acreditamos ser válida e perspicaz a proposição e diferenciação expostas por Ruy de Carvalho (*primado e primazia*)¹, mas aqui, apesar de concordarmos quase totalmente com tal pensamento, consideramos a filosofia da natureza como não somente a parte principal (onde toda a obra de nosso filósofo se espelha), como também a parte cujo mérito faz-nos inevitavelmente declinar-mos sobre ela², por isso, para corroborar nossa visão sobre tal pontuação fundamental do pensamento de Schopenhauer, evoco à fala Clément Rosset:

Se a teoria da “representação” se deriva de Kant, a teoria da “Vontade” é totalmente nova; os únicos precursores de Schopenhauer na matéria não são os filósofos, mas sim dois fisiólogos franceses do final do século XVIII e do começo do século XIX, que são Cabanis e Bichat. As teorias vitalistas de ambos os médicos-filósofos romperam, como se sabe, com as interpretações mecanicistas e quantitativas da filosofia empirista. O gênio de Schopenhauer radica em haver descoberto o alcance destas considerações fisiológicas ao introduzi-las no domínio filosófico.³

Para nós é bastante claro que, dentre outras inovações e ineditismos filosóficos, o conceito de Vontade é a palavra de ordem do pensamento schopenhauriano, o principal conceito de sua obra. Logo, não seria o caso de nos surpreendermos com o fato de a

1. Essa ilustre e esclarecedora diferenciação (primazia e primado) é feita por Ruy de Carvalho em *Schopenhauer: filosofia do absurdo ou do limite?*, pp. 40 e 41; presente em *Nietzsche, Schopenhauer: gênese e significado da genealogia*. Editora EDUECE, Fortaleza-Ce, 2012. Organização: Gustavo B. N. Costa, José Maria Arruda e Ruy de Carvalho. Ou, se preferirmos, primado da Vontade, primazia da Representação; primado da Metafísica da Natureza, primazia da Metafísica dos Costumes. Por questões de esclarecimento acerca disso, cabe a nós adiantarmos ao leitor que aqui utilizamo-nos do pensamento de Ruy de Carvalho diretamente (sobre esta diferenciação entre *primado e primazia*), mas não de maneira literal, o mesmo (Ruy de Carvalho) tem, talvez não reconhecidamente, o mérito de incutir no “pensamento schopenhauriano brasileiro” tal diferenciação inerente a presente divisão, contudo, como o leitor mais assíduo pode notar (desde que conheça ou leia a teoria de Ruy de Carvalho sobre tal diferenciação), fazemos aqui, a partir do pensamento do mesmo, nossa própria interpretação acerca da diferenciação entre primazia e primado. Para nós o primado inclui também a epistemologia, mas nele se destaca fundamental e principalmente a filosofia da natureza; e a primazia inclui a estética, mas nela se destaca fundamental e principalmente a ética.

2. Por questões de esclarecimento acerca do presente tema, cabe a nós adiantarmos ao leitor que aqui utilizamo-nos do pensamento de Ruy de Carvalho diretamente (sobre a diferenciação entre *primado e primazia*), mas não de maneira literal, o mesmo (Ruy de Carvalho) tem, talvez não reconhecidamente, o mérito de incutir no “pensamento schopenhauriano brasileiro” tal diferenciação inerente à presente divisão, contudo, como o leitor mais assíduo pode notar (desde que conheça ou leia a teoria de Ruy de Carvalho sobre tal diferenciação), fazemos aqui, a partir do pensamento do mesmo, nossa própria diferenciação entre primazia e primado, dando ênfase ao primado. É interessante esclarecermos também o fato de Schopenhauer jamais fazer tal diferenciação ou separação em sua filosofia, mas acreditamos que, tal visão ou divisão feita por nós no pensamento schopenhauriano, não somente torna-o mais compreensível como também o potencializa, apontando para o cerne da noção de pensamento único e reestruturando a sua divisão e subdivisões: é notável como a reformulação ou a criação de um único conceito sobre o pensamento de grandes autores pode render-nos muito e enriquecer ainda mais a pluralidade de perspectivas acerca do mesmo.

3. ROSSET, Clément. *Escritos sobre Schopenhauer*. Editora Pré-Texto Editorial, Luís Estágel. Trad. Para o espanhol de Rafael de Hierro Olíba. Ed. 1ª, 2005. Pp. 80-81.

essência da ética schopenhauriana, mesmo tendo seu cume na noção de negação da *Vontade* ou *vontade de vida*, continuar, ainda assim, inevitavelmente carecendo da explicação prévia e esclarecimentos mínimos acerca da teoria da *Vontade* de Schopenhauer, a qual, não obstante, deve ter sua explicação e explicitação na filosofia da natureza.⁴

Clément Rosset afirma que “Schopenhauer fora um homem de um só pensamento (e uma só obra⁵).”⁶ Para nós isso constitui uma verdade sobre Schopenhauer. Um pensador de um pensamento apenas, ou como o mesmo diria, “pensamento único”⁷, porém tal pensamento possui em seu interior pelo menos quatro momentos fundamentais, esta divisão básica é o que citamos logo acima, o que denominamos como primado e primazia. É evidente que os momentos e partes da filosofia de Schopenhauer não se limitam somente a *filosofia da natureza* e a *ética*, dizer que o pensamento de Schopenhauer é unicamente *isso* seria um reducionismo trepido e inadequado. Contudo, não há nenhuma parte ou momento da filosofia de Schopenhauer que não parta ou, no mínimo caminhe, para a filosofia da natureza ou para a ética (a própria filosofia da natureza caminha para ética e, a própria ética não faria o menor sentido sem a filosofia da natureza), constituindo assim os dois momentos ou as duas metades que compõem a unidade da inédita e filosófica visão schopenhauriana em seus dois momentos de maior tensão e, ao mesmo tempo, de maior ineditismo, os dois momentos mais elevados do pensamento schopenhauriano, ao nosso ver. Em nossa leitura da obra de Schopenhauer, enxergamos o primado como sendo o momento da epistemologia e da filosofia da natureza, onde se destaca principalmente a própria filosofia da natureza, quer dizer, primado como sendo o que vem como essencialmente primeiro, no caso de Schopenhauer, a teoria do conhecimento e a filosofia da natureza; e a primazia, na qual podemos encontrar a estética e a ética schopenhaurianas, onde se sobressai notavelmente a ética de nosso autor, como o segundo momento, porém, talvez o mais forte e potente, como o próprio autor parecia

4. Devo, de antemão, adiantar o que pressuponho que o leitor já deve ter percebido superficialmente: refiro-me a igualdade sinonímica entre as expressões “filosofia da natureza” e “metafísica da natureza”. Para nós, do ponto de vista interpretativo-filosófico, não há diferença considerável propriamente dita entre estas duas expressões (principalmente se tratando da filosofia de Schopenhauer). Pois, toda filosofia da natureza (a não ser que a mesma seja de cunho completamente materialista) pressupõe sua metafísica e, em justa partida, toda metafísica da natureza que detenha em seu interior um determinado rigor filosófico, pressupõe e auto direciona-se sempre e em si mesma para uma filosofia da natureza.

5. Quer dizer, *O mundo como Vontade e representação*. Isso também fora afirmado por Alexis Philonenko em *Schopenhauer: una filosofía de la tragedia*, Editora Editorial Anthropos, 1989, trad. para o castellano de Gemma Muñoz-Alonzo. P. 41.

6. ROSSET, Clément. *Escritos sobre Schopenhauer*. Editora Pré-Texto Editorial, Luís Estágel. Trad. Para o espanhol de Rafael de Hierro Olíba. Ed. 1ª, 2005. P. 35.

7. Ver prefácio à primeira edição de *O mundo como Vontade e representação*.

acreditar.⁸ Justamente por esse destaque (da filosofia da natureza e a ética) e pelo pouco espaço que dispomos para a exposição de nossa tese sobre a possibilidade de tal divisão, referiremo-nos aqui ao primado como somente filosofia da natureza e à primazia como somente a ética.

Clément Rosset afirma que: “Desde Schopenhauer sabemos que é a vida dos homens que determina sua consciência, e não o contrário.”⁹ Tal proposição demonstra de maneira sutil, porém considerável, a inversão da noção do conceito de consciência em Schopenhauer, como também sugere as sérias e revolucionárias implicações disso numa ética que, evidentemente, com base exatamente nesse raciocínio, de forma alguma poderá ser prescritiva, normativa, deontológica ou, talvez não levando em consideração a problemática relação do texto *Aforismos para a sabedoria de vida* com a metafísica dos costumes apresentada em *O mundo*, eudemonológica.

Em inúmeros momentos pode-se notar nitidamente que o primado e a primazia inerentes ao sistema schopenhauriano convergem, relacionam-se e subsistem mutuamente. Schopenhauer afirmara que “A compaixão para com os animais liga-se tão estreitamente com a bondade do caráter que se pode afirmar, confiantemente, que quem é cruel com os animais não pode ser uma boa pessoa.”¹⁰ Parece-nos evidente quão próximos são estes dois momentos da obra de nosso pensador. No pensamento de Schopenhauer, Vontade é um conceito que se mostra primeiramente na metafísica da natureza e, somente em seguida, Schopenhauer apresenta-o-nos em sua ética.

8. “(...) o último cume a que em geral acede o significado da existência é indubitavelmente o ético.” SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. Editora Martins Fontes, São Paulo – SP. P. 206; e também: “A última parte de nossa consideração proclama a si mesma como a mais séria de todas, pois concerne às ações do homem, objeto que afeta de maneira imediata cada um de nós e a ninguém pode ser algo alheio ou indiferente. Muito pelo contrário, referir tudo o mais a ação é tão conforme à natureza do homem, que ele, em toda investigação sistemática, sempre considerará a parte relacionada ao agir como resultado da totalidade do conteúdo da investigação, pelo menos na medida em que este o interessa, e, assim, dedicará a essa parte, pelo menos às expensas de outras, a sua mais séria atenção.” SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 353. E também afirma que: “A compreensão da necessidade rigorosa dos comportamentos humanos é a linha limítrofe que separa as cabeças filosóficas das outras (...)” SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. Editora Martins Fontes. São Paulo – SP. P. 103-104. É interessante notarmos também que Schopenhauer nomeara em inúmeros momentos o último livro da sua obra principal como sua “ética”, ou como o mesmo diz sobre tal livro, referindo-se ao que será tratado, “neste livro de ética”. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, 1º prefácio. trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP, p. 354.

9. ROSSET, Clément. *Escritos sobre Schopenhauer*. Editora Pré-Texto Editorial, Luís Estágel. Trad. Para o espanhol de Rafael de Hierro Olíba. Ed. 1ª, 2005. P. 77.

10. SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. Editora Martins Fontes, São Paulo – SP. P. 179.

O primado: Filosofia da natureza de Schopenhauer

De antemão, cabe-nos aqui a diferenciação de sutil importância entre ciência da natureza e filosofia (ou metafísica) da natureza. Schopenhauer diz que: “A ciência da natureza é ou descrição de figuras, que denomino MORFOLOGIA, ou explanação de mudanças, que denomino ETIOLOGIA.”¹¹ E, mais a frente, afirma de maneira mais precisa o que o mesmo compreende por etiologia e morfologia, os conceitos basilares da ciência da natureza:

Etiologia em sentido estrito são todos os ramos da ciência da natureza que têm por tema principal, em toda parte, o conhecimento de causa e efeito: ensinam como, em conformidade com uma regra infalível, a UM estado de matéria se segue necessariamente outro bem definido; como uma mudança determinada necessariamente conduz e condiciona uma outra determinada, cuja prova se chama EXPLANAÇÃO. Aqui se incluem, sobretudo a mecânica, a física, a química, a fisiologia.¹²

Esta (a etiologia) seria a base e estrutura da natureza e procedimento do que hodiernamente conhecemos por “ciências exatas (ou, como pedagogicamente é conhecida e aplicada nas escolas de ensino fundamental e médio, como ‘ciências da natureza’¹³)” e seus derivados. Já acerca da morfologia, diz-nos Schopenhauer:

Esta última apresenta-nos figuras inumeráveis, infinitamente variadas, aparentadas por uma inigualável semelhança de família, para nós representações, mas que por essa via permanecem eternamente estranhas, e que, se consideradas apenas nestes moldes, colocam-se diante de nós como hieróglifos indispensáveis.¹⁴

Estas duas são as bases da ciência da natureza, contudo, a etiologia destaca-se, pois inerente ao princípio de razão é de fundamental e superior importância para a possibilidade de apreensão do mundo como representação as noções de causa e efeito. Sendo a etiologia, mais que a morfologia, quase que o símbolo do usufruto e do conceito da expressão “ciência da natureza”. Schopenhauer diz-nos que a “(...) etiologia

11. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 152.

12. Ibidem. P. 153.

13. No ensino fundamental e médio (principalmente no médio) no Brasil (especialmente no Ceará) a subdivisão pedagógica de separação das “áreas do conhecimento” e aplicação do “conteúdo” é concebida da seguinte forma: Ciências da natureza (a qual chama-se também, com alguma restrição, *ciências exatas*; esta área engloba disciplinas fundamentais como *matemática, física, química e biologia*), Ciências humanas (que abarca outras disciplinas indispensáveis, tais como *geografia, história, filosofia e sociologia*) e Línguas e códigos (esta última lida com disciplinas também imprescindíveis, como *língua portuguesa, literatura, língua espanhola, língua inglesa, redação e artes*).

14. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 153.

e a filosofia da natureza não interferem uma na outra, mas vão juntas, considerando o mesmo objeto sob pontos de vista diferentes.”¹⁵

A partir daí, podemos nitidamente observar que o conhecimento filosófico dá-se como não somente anterior, mas, como pano de fundo da ciência da natureza, aquilo cujo objeto é o em si do mundo, aquilo que está para além da noção de *causa*, que ultrapassa o mero nível da representação. Contudo, tal fundamento em si é infundado.

De acordo com tudo isso, até a mais perfeita explanação etiológica da natureza nada mais seria, propriamente dizendo, do que um catálogo de forças inexplicáveis, uma indicação segura da regra segundo a qual os seus fenômenos aparecem, sucedem-se e dão lugar uns aos outros no espaço e no tempo. Porém, (...) a lei observada pela etiologia restringi-se aos fenômenos e à sua ordenação, não indo além disso. Assim, a explanação etiológica é comparável ao corte de um mármore que mostra variados sulcos um ao lado do outro, mas não permite conhecer o curso de cada um deles do interior à superfície do bloco (...).¹⁶

A ciência da natureza cumpre perfeitamente bem o seu papel. A mesma carrega em todos os pilares de sua existência a impossibilidade de desvincular-se do fenômeno e, por sua vez, está completamente arraigada nos intrépidos limites básicos da compreensão do ponto de vista da representação. Cabe à filosofia da natureza, em justa partida, fazer a pergunta pelo que transcende tal conhecimento.¹⁷

(...) chama-se VONTADE. Esse emprego da reflexão é o único que não nos abandona no fenômeno, mas, através dele, leva-nos à COISA-EM-SI. Fenômeno se chama representação, e nada mais. Toda representação, não importa seu tipo, todo OBJETO É FENÔMENO. COIS-EM-SI, entretanto, é apenas VONTADE.¹⁸

E continua, mais a frente, afirmando que:

(...) sempre restará, portanto, algo não mais explanável por outra coisa e em conformidade com o princípio de razão. – Pois em cada coisa na natureza há algo a que jamais pode ser atribuído um fundamento, para o qual nenhuma explanação é possível, nem causa ulterior pode ser investigada.¹⁹

15. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 203.

16. *Ibidem*. P. 154-155.

17. “Ademais, a lei da causalidade vale somente para representações, para objetos de uma determinada classe, sob cuja pressuposição unicamente possui significado; portanto, igual a tais objetos, existe só em relação com o sujeito, logo, condicionalmente, pelo que é conhecida tanto *a priori*, quando se parte do sujeito, quanto *a posteriori*, quando se parte do objeto (como Kant ensina).” SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 155

18. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 168.

19. *Ibidem*. P. 184.

Dessa maneira, através de sua filosofia da natureza, Schopenhauer insere na humanidade uma das maiores feridas narcísicas que o homem já experimentou. Ficamos como que na condição de ruminantes frente a uma obra de arte: a ciência da natureza e todo nosso conhecimento frente à metafísica da Vontade. O comum e conhecido é agora a manifestação do reino do desconhecido, é tirado o chão da razão, do conhecimento pautado e advindo da representação, causa e efeito não mais dão conta.²⁰

Essa filosofia da natureza ancorada na metafísica da Vontade, que aponta para a Vontade como anterior a qualquer fenômeno, representação, objeto, etc., de forma alguma pode ser vista como uma Teologia da Vontade, como uma Teogonia da Vontade e, muito menos, como uma Teodiceia da Vontade ou qualquer coisa do gênero, algo que aponte para um viés divino e/ou antropomórfico e beatificante da Vontade. A Vontade, ao contrário, nem mesmo é harmônica e passiva consigo mesma, há na sua manifestação combate, retaliação, chacina, assassinato, destruição, guerra e aniquilamentos em massa. Há uma guerra dos fenômenos que, evidentemente, espelha-se na natureza:

Quando os muitos fenômenos da Vontade entram em conflito nos mais baixos graus de sua objetivação, portanto no reino inorgânico, quando cada um quer apoderar-se da matéria existente servindo-se do fio condutor da causalidade, desse conflito resulta o fenômeno de uma Ideia²¹ mais elevada, que domina todos os fenômenos mais imperfeitos preexistentes; todavia, de tal maneira que deixa subsistir a natureza dos mesmos de um modo subordinado, já que absorve em si um análogo deles. Semelhante processo só é concebível pela identidade da Vontade que aparece em todas as Ideias e pelo seu esforço em vista de objetivações cada vez mais elevadas. Assim, vemos na solidificação dos ossos um análogo indubitável da cristalização, esta que originariamente subjugava a cal, apesar de a ossificação jamais ser redutível à cristalização. A analogia se mostra mais debilmente na solidificação da carne. Assim também a mistura de sulcos e a secreção nos corpos animais são um análogo da mistura e separação química; e as leis destas continuam a valer ali, ainda que subordinadas, bastante modificadas, dominadas por uma Ideia mais elevada. Eis por que a existência de forças químicas externas ao organismo, jamais produzirá por si só esses sulcos (...). (...) do conflito entre os fenômenos mais baixos resultam os mais elevados, que devoram a todos, porém efetivando o esforço de todos em grau mais elevado.²²

20. Schopenhauer: “Trata-se de um erro tão grande quanto comum considerar que os fenômenos mais corriqueiros, universais e simples seriam os mais bem compreendidos por nós. Antes, são apenas os fenômenos com os quais mais nos familiarizamos e acerca dos quais, no entanto, somos mais frequentemente ignorantes. É tão inexplicável que uma pedra caia em direção à terra quanto o é que um animal se movimenta.” SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 185.

21. Não tocaremos aqui na temática da *Ideia* platônica segundo Schopenhauer, pois isso faria nós nos afastarmos bastante de nosso tema nesse momento, já que estamos trabalhando com o primado somente para melhor fundamentar nossa exposição acerca da primazia. Por isso, sobre a *Ideia*, remeto o leitor ao Livro III de *O mundo como vontade representação* (tomo I) e o Livro III de *O mundo como vontade e representação* (tomo II, os *Complementos*).

22. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 208-209.

De imediato, quase inevitavelmente, vem-nos à cabeça a pergunta pelo porquê de tal conflito. Por que há esse processo autodestrutivo no interior da Vontade (apesar da Vontade não ser destruída nesse processo) que se espelha em seus fenômenos e é mais notável na natureza? Schopenhauer, o compositor e maestro dessa ilustre tese, dessa orquestra que é a sua filosofia da natureza, diz-nos que “No fundo, tudo isso se assenta no fato de a Vontade ter de devorar a si mesma, já que nada existe de exterior a ela, e ela é uma Vontade faminta. Daí a caça, a angústia, o sofrimento.”²³ A metafísica da Vontade expressa o fundamento da cadeia alimentar, mesmo esse fundamento sendo em si mesmo infundado.

Considerações finais

Ora, para Schopenhauer, onde há Vontade há Vontade de vida, por isso, para nosso autor, tanto faz chamar Vontade ou Vontade de vida; é aqui que, mais do que nunca, vê-se a metafísica da Vontade e a filosofia da natureza dançando uma bela valsa, tão entrosadas em seus movimentos que fica até mesmo difícil diferenciá-las, pois, para Schopenhauer, esta diferença efetivamente inexistente, onde há Vontade há Vontade de vida e, inegavelmente, com base no que foi até agora dito, onde há vida, sem sombra de dúvidas, há Vontade.²⁴ Por isso, é relevante citarmos a seguinte passagem:

O animal é tanto mais ingênuo que o homem, quanto a planta é mais ingênua que o animal. Nos animais vemos a Vontade de vida, por assim dizer, mais nua que no homem. Nesta, ela se veste com tanto conhecimento e, ainda, é tão velada pela capacidade de dissimulação que sua essência vem ao primeiro plano só casualmente, e em momentos isolados. Totalmente nua, mas também mais franca, a Vontade de vida se mostra na planta como mero ímpeto cego para a existência, destituído de fim e alvo. A planta revela todo o seu ser à primeira vista, e com perfeita inocência, sem sofrer por carregar os genitais expostos à visão em sua parte superior, enquanto nos animais os genitais estão situados em partes ocultas. Essa inocência das plantas repousa em sua falta de conhecimento. Não no querer, mas no querer com conhecimento é que reside a culpa. Toda planta nos conta sobre sua terra, seu clima e natureza do solo em que nasceu.²⁵

23. Ibidem. P. 219.

24. “(...) é indiferente e tão somente um pleonasma se, em vez de simplesmente dizermos “a Vontade”, dizemos “a Vontade de vida”.” SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 358.

25. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP. P. 222.

Mas, vale lembrar que essa Vontade é sempre una, em si e indivisível, como já vimos anteriormente:

Em realidade, tanto na teleologia interna quanto externa da natureza, aquilo que temos de pensar como meio e fim é, em toda parte, apenas o FENÔMENO DA UNIDADE DA VONTADE UMA EM CONCORDÂNCIA CONSIGO MESMA, que apareceu no espaço e no tempo para o nosso modo de conhecimento.²⁶

Aquilo que outrora Kant estabelecera como a principal dualidade de sua doutrina, recebe uma nova roupagem na filosofia de Schopenhauer. A *coisa em si* kantiana, o em- si do mundo, o paradoxo da realidade, o idealismo transcendental desenvolvido por Kant em sua *Crítica da razão pura* é agora posto sob nova fórmula, a coisa em si agora mostra-se não como os demais fenômenos, mas como Vontade.

(...) aquela verdade fundamental paradoxal de que aquilo que Kant opôs à mera aparição – chamada por mim mais precisamente de *representação* – como sendo a *coisa em si*, tornando-a absolutamente incognoscível, isso, digo eu, essa *coisa em si*, esse substrato de toda aparição (e, com isso, toda a natureza), nada mais que aquilo que nos é imediatamente conhecido e precisamente confiado, que encontramos dentro do nosso próprio eu como *vontade*; que, por isso, essa *vontade*, longe de, como supunham todos os filósofos até agora, ser inseparável da cognição e mesmo um mero resultado da mesma – dela, que é totalmente secundária e tardia – é fundamentalmente distinta e plenamente independente desta, e que conseqüentemente essa vontade pode também existir e se manifestar sem ela, o que é realmente o caso em toda a natureza, dos animais para baixo (...).²⁷

Dessa forma, o apontamento para à ética é inevitável. É na primazia onde o encontro do físico com o metafísico da filosofia de Schopenhauer colidem de frente tornando-se um só, onde as duas perspectivas do mundo, *Vontade* e *representação*, passam a simbolizar somente uma. A significação física e a significação moral do mundo, o primado e a primazia, a filosofia da natureza e a ética schopenhaurianas. É inevitável de nossa parte a atribuição de gigantesca significação à filosofia da natureza de nosso autor. Schopenhauer fora, dentre outras coisas, um ícone revolucionário de sua época, um homem para além de seu tempo, com um olho no passado e com os dois pés no futuro, Nietzsche e Freud muito cedo perceberam isso. Concluímos o presente escrito sem terminá-lo, pois, bem sabemos que, se o primado da filosofia de Schopenhauer for tão importante e basilar como expomos acima, ainda há muito para desenvolver e ainda significavas considerações a tecer.

26. Ibidem. P. 227.

27. SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Vontade na natureza*. Trad. De Gabriel Valadão. Editora L e PM Pocket, Ed. 1ª, Porto Alegre. 2013. P. 44-45.

Ademais, a relação entre o primado e a primazia do pensamento de Schopenhauer, é tão relevante quanto à relação entre Vontade e representação. Contudo, acreditamos que frente à proposta por nós pretendida e elencada, ficou suficientemente claro o que seria o primado da filosofia de Schopenhauer, tal como sua notável e indispensável significação e sua autocondução e importância para o momento vindouro da primazia.

Referências

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre a Vontade na natureza**. Trad. De Gabriel Valadão. Editora L e PM Pocket, Ed. 1ª, Porto Alegre. 2013.

_____. **O mundo como vontade e como representação**. trad. Jair Barboza. editora UNESP, 2005. São Paulo – SP.

_____. **Sobre o fundamento da moral**. Editora Martins Fontes, São Paulo – SP.

_____. **El mundo como Voluntad y representación**, Tomo II. Traducción Pilar López de Santa María. Editorial Trotta, Madrid, 2005.

RODRIGUES Jr, Ruy de Carvalho. **Schopenhauer: uma filosofia do limite**. PUC, São Paulo: 2011

_____. **Schopenhauer: filosofia do absurdo ou do limite?**. Presente em **Nietzsche, Schopenhauer: gênese e significado da genealogia**. Editora EDUECE, Fortaleza-Ce, 2012. Organização: Gustavo B. N. Costa, José Maria Arruda e Ruy de Carvalho.

PHILONENKO, Alexis. **Schopenhauer: una filosofia de la tragédia**, Editora Editorial Anthropos, trad. para o castellano de Gemma Muñoz-Alonzo. Primeira edição, 1989

ROSSET, Clément. **Escritos sobre Schopenhauer**. Editora Pré-Texto Editorial, Luís Estágel. Trad. Para o espanhol de Rafael de Hierro Olíba. Ed. 1ª, 2005.